



16º Congresso de Iniciação Científica

UMA ANÁLISE DAS POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NARRATIVA EM UMA CRIANÇA COM PARALISIA CEREBRAL NO CONTEXTO DA ESCOLA REGULAR

Autor(es)

DÁLETHY MORENO

Orientador(es)

ANA PAULA DE FREITAS

Apoio Financeiro

PIBIC/CNPq

1. Introdução

O aparecimento da linguagem na criança foi descrito por Vygotsky (1987), como sendo um “marco” importante para o desenvolvimento humano. Esta afirmação origina-se da constatação de que o sujeito se constitui a medida que o outro atribui sentidos às palavras e ações da criança, e, neste sentido, os interlocutores têm um papel essencial no funcionamento intra-psicológico de cada um e na formação da consciência individual. Este processo de constituição é sempre semioticamente mediado, ou seja, o acesso da criança à linguagem é mediado pelos membros do seu grupo social e, assim, a elaboração do mundo tem como intermédio o outro, que possibilita a integração à cultura. A subjetividade é constituída nas relações sociais, a linguagem e as interações sociais têm um papel fundamental na constituição do sujeito. As funções mentais superiores (a linguagem racional, o pensamento conceitual, a atenção voluntária e a memória lógica) vão sendo construídas ao mesmo tempo em que vão constituindo o sujeito nas relações sócio-históricas.

A partir dos estudos de Vygotsky é possível problematizarmos também a questão da inclusão dos sujeitos com dificuldades para aprender, torna-se claro que, uma compreensão do papel que a linguagem ocupa neste processo torna-se fundamental. Ferreira e Ferreira (2004) argumentam que é necessário não reduzir a escola à função de apenas socializar o aluno com deficiência, mas garantir um processo de inclusão tomando como referência a função social da escola e estabelecendo um plano de desenvolvimento escolar que vise o máximo desenvolvimento do aluno com deficiência. Portanto, o social é o lugar no qual a aprendizagem e o desenvolvimento ocorrem para qualquer indivíduo, inclusive os sujeitos com dificuldades para aprender.

Este estudo interessa-se pelas possibilidades de desenvolvimento da linguagem narrativa de uma criança incluída na rede regular de ensino, incluiremos apontamentos de Perroni (1992), a qual argumenta a importância do desenvolvimento dessa esfera da linguagem para o desenvolvimento lingüístico da criança como um todo. A autora aponta a existência de fases do desenvolvimento da narrativa (fase da protonarrativa, fase da narrativa primitiva e a fase em que a criança se constitui como narrador) e a importância da interpretação do outro, pois são estratégias que auxiliarão a criança na elaboração de hipóteses.

Para Perroni (1992) narrativa é a recapitulação de experiências na mesma ordem dos eventos originais, dessa forma, a narrativa apresenta como características fundamentais, a dependência temporal entre os enunciados narrados, a singularidade do narrado (inédito) e emprego do tempo verbal perfeito. A narrativa possibilita à criança organização temporal e das seqüências de fatos, por isso sua importância no processo de desenvolvimento de linguagem da criança.

Sobre o desenvolvimento narrativo de uma criança com paralisia cerebral, Massi (2001) aponta que as produções lingüísticas ocorrem num processo onde a criança/sujeito apresenta suas modificações graduais e cada vez mais se apropria de recursos que irão torná-la independente de seus interlocutores adultos, sendo importante o papel do outro para que esse desenvolvimento lingüístico da criança ocorra, por isso a importância de se considerar a criança na sua relação com o dizer do outro. Ainda no que se refere à narrativa, Massi (2001, p.56) aponta: “[...] as crianças simplesmente ouvem as histórias narradas pelo adulto. Em seguida ela passa a contá-la e recontá-la em conjunto com seu interlocutor, para, mais tarde, narrá-las com maior independência.”

Massi (2001), ao acompanhar o processo de desenvolvimento lingüístico de uma criança portadora de paralisia cerebral, voltou-se às interações caracterizadas pelo esforço de constituir atividades verbais, com o objetivo de favorecer a produção de narrativa espontânea. Sendo assim, aponta que crianças efetuam construções apoiadas em percepções e movimentos (gestos), elaborando assim, um conjunto de estruturas que contribuirão para suas condutas posteriores.

Segundo a autora, é importante que sejam privilegiadas as situações de interação criança/adulto, o que a criança fala ou mostra, pois considerar a iniciativa da criança pode propiciar uma atividade dialógica que, poderia, de outra forma, não ocorrer. Vemos assim a importância do papel do outro na significação, para que a criança se aproprie dos significados como mecanismos de linguagem. De acordo com a autora, o outro tem papel de co-autor no processo de desenvolvimento lingüístico da criança, por desempenhar a função de mediador nesse processo.

2. Objetivos

Considerando as reflexões teóricas acima expostas, este estudo teve por objetivo compreender como ocorrem as interações dialógicas e como é vista a questão da linguagem narrativa de uma criança com dificuldades acentuadas para aprender (com Paralisia Cerebral) no espaço educacional, considerando-se as relações entre a criança e seus pares, bem como entre ela e os educadores.

3. Desenvolvimento

A pesquisa de campo ocorreu em uma Escola de Educação Infantil de um município do interior paulista que

possui uma criança apresentando o diagnóstico de Encefalopatia Crônica Infantil (Paralisia Cerebral). O sujeito observado é uma menina com cinco anos de idade que frequenta o Jardim II da referida escola. Ela apresenta Atraso de Linguagem em decorrência do diagnóstico acima descrito. O presente trabalho fundamentou-se na perspectiva teórico-metodológica histórico-cultural, uma vez que esta permite a análise qualitativa e a compreensão do processo social de constituição do sujeito possibilitado pela linguagem. Optamos pela análise dos processos e pelo estudo da origem dinâmico-causal, enfatizando-se, assim, uma análise explicativa e não descritiva (VYGOTSKY, 1991). Tal opção permite uma análise minuciosa dos indícios, por seguir pistas ou sinais da existência de um processo que, segundo Pino, (2005) “não é, simplesmente, mostrar os fatos que façam parte dele, mas seguir o curso dos acontecimentos para verificar as transformações que se operam nesse processo, concretamente, a conversão das funções biológicas sob a ação da cultura”. A coleta de dados se deu por meio de filmagens, as quais foram programadas para serem realizadas num período de abril a julho de 2008, a mesma é inerente aos trabalhos realizados na escola, ou seja, é seguida a proposta pedagógica já estabelecida pela escola. As filmagens buscaram contemplar os aspectos dialógicos da criança com seus pares ou educadores e atividades relevantes aos objetivos do projeto. Os materiais utilizados para a pesquisa foram: filmadora digital, televisão, computador, impressora, papéis e CDs. Para preservar a identidade da criança/sujeito dessa pesquisa, a mesma foi denominada pela inicial S., a professora e monitora de sala de aula foram denominadas respectivamente pelas iniciais P. e M. As demais crianças que não fazem parte do projeto, mas que pertencem à sala de S., foram representadas pela letra “C” mais um numeral, conforme a ordem em que aparecem nas transcrições. Com relação ao desenvolvimento da linguagem, a criança se comunica por meio de gestos indicativos, realiza imitações de ações do interlocutor, demonstra boa compreensão por meio da realização de ordens simples, realiza vocalizações e algumas onomatopéias, sempre dentro do contexto. Demonstra seus sentimentos por meio de expressões faciais e meneios de cabeça, participa de atividades, tais como, brincadeiras de faz-de-conta, realizando ações imitativas. Apresenta dificuldades em equilibrar-se e em manusear objetos com a mão esquerda. A análise dos dados é orientada por uma perspectiva qualitativa, levando-se em conta as inter-relações entre o funcionamento mental humano e os contextos sócio-históricos (FREITAS, 2003). Nas observações no ambiente natural pretendeu-se destacar e descrever indícios sutis do diálogo que permitam uma compreensão profunda do processo de desenvolvimento e constituição dos sujeitos.

4. Resultado e Discussão

Os resultados indicaram que embora a criança apresente dificuldades motoras, realiza as mesmas atividades que os demais alunos de sua sala de aula e, para isso, conta com o acompanhamento constante de uma monitora. Não há uma menor exigência da criança, por ela apresentar dificuldades, porém, notou-se que não lhe é cobrado que permaneça na atividade durante o todo tempo determinado para a mesma, ou seja, quando S. se cansa da atividade, por exemplo, do desenho, ela tem plena liberdade para se levantar e iniciar a atividade que desejar (jogo, casinha, etc), o que não ocorre com as demais crianças da sala, que são cobradas em todo o tempo para que terminem a proposta inicial. A participação da criança em todas as atividades realizadas em sala de aula (música, dança, pintura, experiência), contribui para a interação da mesma com seus professores e pares, na medida em que estas são atividades que demandam interação dialógica, mesmo que num primeiro momento ela não participe verbalmente dessa interação, é a partir daí que ela obterá elementos estratégicos que a auxiliarão a se fazer entender pelo seu interlocutor. Observamos também, que as interações no ambiente escolar ocorrem basicamente entre a criança e a monitora, sendo que, as tentativas de interações dos colegas de S. com a mesma, são em sua maioria barradas por sua acompanhante. A criança ao interagir com o outro, principalmente no momento da atividade narrativa (conto de história), se faz entender por meio de gestos e vocalizações, que, em alguns momentos, são interpretados ou significados pelo interlocutor, demonstrando assim, a ausência do conhecimento no que se relaciona à importância dessa interação que é facilitadora/possibilitadora do desenvolvimento da criança a partir da linguagem e do outro.

5. Considerações Finais

Tendo em vista os dados apresentados, é possível observar que no ambiente escolar, é oferecido à S. a possibilidade de participar das mesmas atividades que os demais colegas da sala de aula, embora ela apresente dificuldades motoras, nos mostrando assim, que o processo de inclusão escolar é um *lócus* privilegiado para compreendermos os processos de aprendizagem de sujeitos com dificuldades para aprender.

Este processo de inclusão escolar, que possibilita as mesmas experiências e vivências à criança com dificuldades para aprender, pode contribuir para sua constituição enquanto sujeito, e, cabem aqui os apontamentos de Pires (2006, p. 114), a qual argumenta que “a escola, como espaço inclusivo, deve ter como desafio o êxito de todos os seus alunos, sem exceção”.

Em análise e conclusão, observamos que a criança ao interagir com o outro, se faz entender por meio de gestos e vocalizações nem sempre são interpretadas ou significadas pelo interlocutor, dessa forma, pelo fato dessas interações não ocorrerem com frequência, considera-se necessária uma real compreensão, por parte dos profissionais envolvidos no caso, das possibilidades que o ambiente escolar é capaz de oferecer a criança, pois é nele que se encontram as condições que contribuem para o desenvolvimento de linguagem da mesma a partir do outro e, também, no aspecto da linguagem narrativa.

Observa-se importante considerar não somente aquilo que a criança é capaz de fazer sozinha, mas principalmente o que ela faz com o outro, pois o aprendizado e desenvolvimento da criança ocorrem no processo de mediação, em colaboração com o outro ou no contato com os objetos e signos culturais. Sobre o assunto, Pinto e Góes (2006, p. 12-13) citam que “é fundamental que a educação oriente esforços para a busca da elevação dos modos de funcionamento dos sujeitos (...)” e segundo as autoras, para que isso ocorra é preciso atuar nas potencialidades do sujeito ao invés de enfatizar suas dificuldades.

Referências Bibliográficas

FERREIRA, M. C. C.; FERREIRA, J. R. Sobre inclusão, políticas públicas e práticas pedagógicas. In: GÓES, M. C. R. de; LAPLANE, A. L. F. de (Org.). **Políticas e Práticas de Educação Inclusiva**. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 21- 48.

FREITAS, M.T.A. A Perspectiva Sócio-Histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, M. T. A.; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. (Orgs.), **Ciências Humanas e Pesquisa. Leituras de Mikhail Bakhtin**. Questões da nossa época, vol. 107. São Paulo, Cortez Editora, 2003.

MASSI, G. A. A. **Linguagem e paralisia cerebral: Um estudo de caso do desenvolvimento da narrativa**. Curitiba: Editora Maio, 2001.

PERRONI, M. C. **O Desenvolvimento do Discurso Narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PINO, A. **As Marcas do Humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

PINTO, G. U.; GÓES, M. C. R. de. Deficiência mental, imaginação e mediação social: um estudo sobre o brincar. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília: ABPEE/FFC-Unesp-Publicações, v.12, n.1, p. 11-28, jan./abr.2006.

PIRES, G. N. L. O cotidiano escolar na escola inclusiva. In: MARTINS, L. A. R. et al (Org.). **Inclusão: Compartilhando Saberes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.